



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega a 573 municípios de 650 ambulâncias do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – Rede Samu 192

Tatuí-SP, 25 de março de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, governador José Serra,
Meu caro presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer,
Minha cara companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Meu caro companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Nosso companheiro, senador Aloizio Mercadante,

Companheiros deputados federais, Aline Corrêa, Arlindo Chinaglia, Bel Mesquita, dr. Nechar, Édio Lopes, Elcione Barbalho, Jader Barbalho, Jefferson Campos e João Paulo Cunha,

Meu caro Luiz Gonzaga Vieira de Camargo, prefeito de Tatuí, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos do Brasil que estão aqui, prefeitos de todos os estados da Federação brasileira,

Quero cumprimentar o vereador... prefeitas e prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o vereador José Tarcísio Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Tatuí, por meio de quem cumprimento os demais vereadores de Tatuí e região, e agradecer pelo título de cidadão de Tatuí. Agora eu vou poder frequentar o Conservatório musical aqui com mais tranquilidade.

O Temer disse que Tatuí, 45 anos atrás, tinha o melhor carnaval do interior de São Paulo e que o prefeito está brigando para voltar o carnaval a ser tão bom quanto era. Certamente nem o prefeito e nem o Temer vão conseguir dançar como dançavam 45 anos atrás. Mas, de qualquer forma, vale a intenção. A juventude está aí para pular o carnaval de Tatuí.

E quero cumprimentar o nosso querido João Alberto Bolzan, presidente



do Grupo Rontan e Fundação Brasileira de Alumínio,

Cumprimentar todos os companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras da empresa,

Cumprimentar a imprensa – dizem que eu tenho sido muito crítico à imprensa. Mas eu tenho sido apenas um alertador das coisas equivocadas que acontecem no país e que acontecem, conseqüentemente, na imprensa.

Eu queria ter uma conversa entre companheiros aqui – prefeitos, prefeitas, empresários, políticos e trabalhadores. Primeiro, eu quero dar os parabéns ao ministro Temporão. Quando nós criamos o Samu, em 2004, a gente tinha muita dúvida se ia dar certo porque era uma experiência nova. Nós tínhamos que trabalhar em parceria com prefeitos e governadores, e nós tivemos casos de prefeitos que receberam a ambulância, trancafiaram a ambulância numa garagem ou num pátio e sequer contrataram motorista para dirigir a ambulância porque o Programa era do governo federal e não dele e, portanto, ele agiu com mesquinhez e não colocou as ambulâncias para viajar e para carregar doentes na sua cidade.

Todo mundo sabe que eu estou falando do prefeito de uma cidade grande, que não é do estado de São Paulo, mas estou falando exatamente da capital do Rio de Janeiro, onde o prefeito... o ex-prefeito escondeu as quase 80 ambulâncias que tinha para não colocar para funcionar. Só para ter ideia, governador Serra e povo de Tatuí, nem o Bolsa Família eles cadastraram porque achavam que o dinheiro do governo federal não deveria chegar para os pobres do Rio de Janeiro que [de quem] eles não cuidavam.

Nós evoluímos muito de lá para cá, evoluímos. Hoje quem cadastra o programa Bolsa Família não é um ministério do presidente Lula. Quem cadastra é o prefeito de cada cidade. É o prefeito de cada cidade que, independentemente do partido a que pertença, ele foi eleito democraticamente pelo povo da cidade e, portanto, ele tem responsabilidade. E como eu sou um



presidente republicano, eu nunca perguntei se um prefeito é do meu partido ou de qualquer outro partido, nunca perguntei se ele é católico ou evangélico, e nunca perguntei se ele é corintiano, palmeirense, são-paulino ou santista. O que eu quero saber é que ele é prefeito, representa o povo e se o povo precisa, é ele que tem que ter a responsabilidade de cumprir aquilo que ele prometeu no palanque na época das eleições. Eu sei que aqui em Tatuí nós temos quase 4 mil Bolsas Família, que é o prefeito que cadastra, é ele que sabe onde está. Não é o Presidente da República, lá de Brasília, que fica sabendo das coisas.

Pois bem, hoje o programa Samu é uma fotografia de uma coisa bem-sucedida no Brasil. Onde tem Samu, todo mundo elogia e todo mundo sabe que muita gente foi salva por conta do Samu. Pois bem, o ministro Temporão falou que agora vai ter uma evolução. São mais 650 [ambulâncias] que estamos pegando hoje. Até julho deste ano tem mais mil e não sei quantas [ambulâncias] que vamos pegar – 1.650 [ambulâncias] que vamos pegar até julho deste ano – e depois, obviamente que ainda falta mais, porque as primeiras vão ficando gastas, nós vamos ter que comprar novas, e aquelas velhas vão para outra atividade, para poder atender. Portanto, se essa empresa mantiver o bom preço que manteve até agora, certamente muita gente aqui vai ficar tão velha na empresa quanto o nosso operário-padrão que está ali sentado à mesa.

Portanto... mas ainda, ainda é pouco porque nós estamos vendo que nós precisamos – e isso vai ser uma coisa que nós vamos ter que fazer, em algum momento o ministro Temporão vai ter que propor isso – que é... nós vamos ter que ter alguns aviões para transportar gente de lugares mais distantes, e vamos ter que ter helicópteros para transportar gente porque, às vezes, um minuto pode salvar uma pessoa e, às vezes, um segundo de atraso pode matar uma pessoa.

Foi muito importante o que o ministro Temporão e o Governador falaram do SUS, porque nós temos um problema crônico na Saúde brasileira. A classe



média, a classe média... eu estou falando a partir de mim, portanto, não estou acusando ninguém da classe média. É que nós que estamos aqui neste palanque, todos nós, mais uma parte das pessoas que estão aqui, nós temos plano de Saúde. Então, nós nos orgulhamos e falamos assim: “Eu pago tal plano de saúde, então eu vou ao hospital tal. O médico me trata bem, aquilo é que é coisa boa. O SUS não. O SUS atende muita gente pobre, o SUS não dá conta do bom atendimento.” O que a gente não sabe – ou melhor, nós sabemos – o que a maioria do povo não sabe é que um cidadão rico que tem um plano de saúde, que faz *check-up* todo ano, ele desconta o que ele paga no Imposto de Renda, e quem paga o plano dele é a parte mais pobre da população deste país, que trabalha. Eu digo isso, e digo isso por mim, eu tenho plano de saúde, eu pago caro e eu faço *check-up* todo ano. Todo ano eu vou em um hospital em São Paulo, deito em um monte ... porque agora *check-up*, também, é só máquina, não é, Temporão? O médico não fala mais com você. O médico fala: “Bom dia e até logo, ou bom dia e até amanhã”. Porque você chega em um hospital moderno, agora, e você vai deitando numa máquina: máquina 1, máquina 2, máquina 3, máquina 4, máquina 5. A última.. a única voz que você ouve no hospital é a [voz da] mocinha que fala: “Respira fundo, prende a respiração”. É a única voz que você ouve não é? Ou quando você entra naquele tubo que parece um caixão de defunto, você fica lá dentro. Eu não sei nem o nome do exame, mas é uma máquina apertada. Quando eu entrei, eu pensei que eu não iria sair mais. Então, a moça fica: “Tudo bem? Tudo bem?” É a única voz. Mas hoje é tudo assim, moderno, você não passa por nada, é uma máquina atrás da outra.

Então, a gente acha que aquilo é bom, é o que nós temos de excelência no Brasil. A gente fica sabendo muita coisa, porque toda gente grã-fina vai lá. Pobre, você só tem notícia que ele foi ao hospital quando ele sai morto, não é? Nos hospitais chiques, não! “Entra lá. Entra o governador José Serra. Sai o José Serra, entra o presidente Lula. Sai o Lula, entra o José Alencar. Entra o



empresário tal. O empresário fulano de tal foi ao hospital tal e se curou.” É verdade que isso deveria ser para todo mundo. E o SUS é a única possibilidade que nós temos para fazer para todo mundo. Acontece que muitas dessas coisas chiques que vocês veem na televisão são pagas pelo SUS. Muitas dessas coisas boas que vocês veem... quem faz transplante neste país é pago pelo SUS e aparece a fama do hospital particular, mas quem pagou foi o SUS.

Então, o SUS, ele vai ser cada vez melhor quando a gente for aperfeiçoando, porque vocês, um dia, vão perceber o seguinte: tudo o que a gente tenta universalizar, tudo o que a gente tenta dar para todo mundo, cai um pouco a qualidade. Aquilo que a gente dá de forma seletiva, só para quem pode pagar, melhora a qualidade. E o SUS, está correto, Serra: é o melhor plano de saúde da América Latina. Ele tem muita deficiência, ele tem muita deficiência porque, por exemplo, uma pessoa vai ao SUS – e eu tenho discutido isso com o ministro Temporão, ainda antes de ontem discutimos com o ministro Temporão –, o cidadão vai ao SUS... Quem pode pagar, quem pode pagar...

Eu, por exemplo, eu, Presidente da República. Eu chego para fazer um *check-up*, tem trinta médicos atrás de mim, trinta médicos: “O que você tem, Presidente? Eu vou cuidar, Presidente, pode deixar”. Agora, isso não acontecia quando eu era metalúrgico, não acontecia. E certamente, e certamente, Serra, não vai acontecer quando eu deixar de ser presidente. Quando eu deixar de ser presidente, eu chego lá e falo: olha, fala para o doutor fulano de tal que é o Lula. Aí o cara fala: “Que Lula?” Porque... sabem o que acontece? Político sem mandato, gente, pode crer, nem vento bate nas costas. O cidadão...

Então, o que nós queremos é criar um modelo de Saúde que possa atender as pessoas com dignidade. É por isso que eu fiquei muito magoado e muito ofendido quando a minha oposição no Senado derrubou a CPMF. Eu não conheço um empresário no Brasil que reduziu o custo do seu produto em



0,38%, que é o que a gente pagava no cheque. Não conheço nenhum! Entretanto, tiraram da União R\$ 40 bilhões por ano, e a gente, que tinha feito um plano de Saúde para atender até criança na escola... Porque quando eu era moleque, mesmo o pobre, na escola pública, tinha dentista. Tinha dentista! Eu estudava na Vila Carioca, Serra, na Vila Carioca, na Rua Albino de Moraes e, portanto, tinha dentista que ia ver a gente. Eu queria colocar dentista, oftalmologista, porque tem crianças no Brasil que não aprendem porque não enxergam, e como não dói o olho, você não vê ninguém se queixar: "O meu olho está doendo". Às vezes, o cidadão tem uma deficiência no olho, ele só vai descobrir quando ele vai fazer um exame apurado. Tem gente que só descobre quando vai fazer exame para entrar no Exército. Então, eu queria colocar tudo isso. Ele fez um programa, nós aprovamos um programa com mais de mil pessoas, e depois o Senado, por mesquinharia, me tira [R\$] 40 bilhões por ano do orçamento da Saúde neste país.

Eu quero dizer, aqui, a vocês: quem quer que seja, quem quer que seja que seja presidente da República depois de mim, vai ter que discutir mais dinheiro para a Saúde. Não tem alternativa, não tem alternativa. Não é possível fazer Saúde neste país sem dinheiro, custa caro, custa caro. E os prefeitos do interior sabem: para levar um médico para uma cidade do interior, às vezes eles querem cobrar o dobro do salário que eles ganham na cidade. Às vezes... Não sei você sabe, Temporão, tem prefeito que está querendo contratar médico, eles estão pedindo [R\$] 30 mil, [R\$] 20 mil por mês. Ora, o prefeito não pode levar. Então, nós vamos ter que formar uma geração de médicos mais à esquerda, para poderem cobrar um pouco menos de salário, para poderem trabalhar nas prefeituras do interior deste país.

E tem gente que reclama quando algumas cidades resolvem trazer médicos cubanos. E depois, os coitados dos nossos meninos que vão estudar em Cuba, eles voltam formados em Medicina, querem trabalhar aqui no Brasil, não deixam. Você sabe disso, a briga que a gente tem porque o Conselho



Nacional de Medicina não reconhece. Agora algumas universidades estão reconhecendo e essa menina está prestando serviço, sobretudo nas regiões onde não tem médico. É muito fácil ser médico na Avenida Paulista, ser lá na Marechal Deodoro, em São Bernardo, ser na Avenida Copacabana. Eu quero ver é no meio do brejo, onde mora o povo brasileiro, nos rincões do sertão deste país, na grande periferia das cidades brasileiras.

Por isso... o prefeito estava me contando, o prefeito estava me contando que para levar uma pessoa de Tatuí para São Paulo, ele tinha que alugar uma ambulância por R\$ 2 mil, quando achava, quando achava. Agora, não. Agora ele vai ter as ambulâncias do Samu, ele vai ter.

Então, essa coisa... Nós precisamos aprender que este país só será justo no dia em que todo mundo for tratado em igualdade de condições. Eu acho que tem gente que é mais rica, vai viver sempre melhor, que Deus abençoe e que continue vivendo cada vez melhor. Mas o que nós precisamos é garantir ao povo pobre deste país o acesso às coisas elementares que estão previstas na Constituição. Este povo tem direito de comer, de estudar, de morar, ter acesso à cultura, ao lazer, ter acesso a um sistema de saúde adequado.

Eu tinha 17 anos quando eu perdi este dedo aqui, ó. Este dedo aqui, se eu fosse hoje presidente, não perderia o dedo. Hoje até faria um implante, colocaria um dedo maior do que este aqui. Mas, como eu era um peão, cheguei fedendo a macacão... fedendo a graxa, às três horas da manhã, o médico olhou para a minha cara e falou "Para que esse peãozinho precisa de dez dedos? Vou... vou logo tirar", e tirou o cotozinho. Poderia ter deixado o cotó para eu poder coçar o nariz. Ele tirou. E eu estou aqui agora, me considero até um portador de deficiência, com este dedo aqui. Hoje eu estou tratando isso bem, mas eu passei um ano, que eu andava no ônibus com vergonha. Eu não queria que ninguém visse o meu dedo. Ficava com a mão no bolso, embrulhava a mão em uma toalha, uma bobagem, uma bobagem! Eu tinha



dificuldade porque quando eu ia lavar o rosto, eu colocava a mão assim, e antes da água chegar no rosto a água caía. E depois levou um tempo... levou um tempo e eu, então, aprendi... Eu não fui a uma escola de recuperação porque não tinha, mas eu aprendi que era só fazer assim e a água chegava todinha no rosto.

Então, eu quero, Temporão, dizer para você o seguinte, olhe: a fotografia que eu vi do helicóptero é uma cena maravilhosa. Alguém poderia perguntar: “Por que o presidente Lula sai de Brasília e vem a Tatuí para receber 650 ambulâncias?” Eu venho porque, se eu não vier, não vai sair nenhuma nota no rodapé de nenhum jornal deste país. Eu venho. Mas, mas se morrer, mas se morrer alguém na estrada por falta de ambulância, ocupa todos os espaços na televisão, em rede nacional.

Então, é o seguinte: quem quiser falar mal de mim, que fale, mas as coisas que eu faço, eu mostro. Eu, quando... Eu, quando era dirigente sindical, eu dizia assim: o político mentiroso chega no comício e fala: “Eu mato a cobra e mostro o pau”. Você chegar com um pau no comício e falar: “Matei uma cobra”, você não está provando nada. Eu dizia: eu mato a cobra e mostro a cobra morta. Então, como a gente não pode matar cobra porque a coitadinha está no seu *habitat* natural, não está nos enchendo o saco. Nós é que enchemos o saco dela de vez em quando, não é isso? Não vamos matar a cobra, mas eu vim mostrar as minhas ambulâncias, eu vim mostrar. Quem quiser, vai perceber. E aqui a diretoria, a diretoria da empresa...

E Prefeito, pode ficar certo, pode ficar certo, Prefeito, pode ficar certo de uma coisa: em julho deste ano, em julho deste ano eu estarei aqui para receber as outras 1.650 ambulâncias. Pode ficar certo: estarei, estarei aqui. Só não prometo ir em cada cidade porque aí seria demais, seria demais. Mas estarei aqui.

E quero dizer para vocês da alegria de saber que uma atitude do governo está permitindo gerar empregos para milhares de homens e mulheres. Eu vejo



a cara dessas meninas e desses meninos: não tem nada mais digno para um ser humano do que ele levar o alimento para a sua mulher, com o suor do seu trabalho.

E quero parabenizar, quero parabenizar a direção da empresa, porque eu sei que nasceram na Vila Ema, do nada, e se transformaram nessa empresa extraordinária. Só podia ser um corintiano, que é perseverante, teimoso e consegue vencer.

Um grande abraço, e até julho do próximo [deste] ano, se Deus quiser.

(\$211A)